

MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO

**PARA ALÉM DOS SONS DA FALA:
A PROSÓDIA NA ESCUTA PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada à Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba para a aprovação no curso de Formação de Psicanalista Clínico & Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Rios Pereira.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2010

MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO

**PARA ALÉM DOS SONS DA FALA:
A PROSÓDIA NA ESCUTA PSICANALÍTICA**

MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO

**PARA ALÉM DOS SONS DA FALA:
A PROSÓDIA NA ESCUTA PSICANALÍTICA**

Monografia apresentada à Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba para a aprovação no curso de Formação de Psicanalista Clínico & Teoria Psicanalítica.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Rios Pereira.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS
2010

DADOS CURRICULARES

MARIA FLÁVIA FIGUEIREDO

NASCIMENTO	1/3/1968 – FRANCA, SP.
FILIAÇÃO	João Alves Pereira Penha. Maria Aparecida Figueiredo Pereira.
1986-1991	Graduação em Letras. Universidade de Campinas (UNICAMP).
1987-1989	Especialização em Línguas Estrangeiras. <i>State University of New York (SUNY-ALBANY, USA).</i>
2000-2002	Doutoramento em Linguística e Língua Portuguesa. UNESP – Araraquara.
2005-2008	Formação de Psicanalista Clínico & Teoria Psicanalítica. Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba (APVP).
1995-2004	Diretora dos Cursos de Graduação em Letras e Tradutor e Intérprete. Universidade de Franca (UNIFRAN).
1995-2004	Coordenadora dos Cursos de Especialização (<i>latu-senso</i>) em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Universidade de Franca (UNIFRAN).
1995-2004	Docente dos Cursos de Graduação em Letras e Tradutor e Intérprete. Universidade de Franca (UNIFRAN).
2003	Professor Assistente-Doutor. UNESP – Araraquara.
2007-2008	Professor Assistente-Doutor. Universidade de Taubaté (UNITAU).
2006-Atual	Professora Permanente do Programa de Mestrado em Linguística e do curso de Especialização em Psicanálise. Universidade de Franca (UNIFRAN).

Dedico

Ao Prof. Dr. Carlos Eduardo Rios Pereira,

cujo incentivo me fez crer em minha via psicanalítica, fazendo-me, assim, entender o aforismo lacaniano: “O psicanalista só se autoriza por si mesmo”.

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho só se tornou possível pois, ao longo da minha caminhada dentro dos estudos psicanalíticos, pude contar com a colaboração, a amizade, a sabedoria, o conhecimento e os *insights* de pessoas que se fizeram amigas e se tornaram meus verdadeiros mestres.

Agradeço, em primeiro lugar, ao Leandro (o nosso querido *Freudinho*) de quem recebi o convite que mudaria o rumo da minha vida profissional: o de dar início ao curso de formação em Psicanálise.

Agradeço ao meu amigo e fiel companheiro ao longo de todo o curso, Juninho, por ter me feito enxergar que o ser humano tem mais possibilidades e é muito mais complexo do que eu imaginava, o que o torna um intrigante e infundável objeto de análise.

Declaro ainda minha enorme gratidão à APVP (Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba), que tem se solidificado como instituição séria e comprometida com a divulgação do legado deixado por Freud e seus seguidores.

Como representantes dessa instituição durante a minha formação, agradeço à Laura – pelo carinho, pela acolhida maternal e pela sabedoria ao me conduzir ao longo de todo o processo –, à Regina – pela presença constante e prontidão em resolver os problemas que surgiram durante a formação – e à Olga – pelo sorriso e amizade.

Faço também um agradecimento especial aos professores que, com tanta sabedoria e desprendimento, me conduziram pelos meandros dos estudos psicanalíticos. Agradeço aos mestres: David Zimmerman, Luiz Alberto Hanns, Rejane Rodrigues de Campos, Uyratan de Carvalho, Carlos Eduardo Rios Pereira, Décio Natrielli, João Paulo Kotzent, Walter Dias Junior, Luiz Vitório Cichoski e Vera Ferrari. Dentre estes, agradeço, de modo especial, ao professor João Paulo Kotzent, cujos conhecimentos e prática clínica fizeram do estágio realizado no Hospital Psiquiátrico Chuí uma experiência inominável.

Para finalizar, registro aqui uma tentativa de agradecimento ao Dr. Carlos Eduardo Rios Pereira – meu mestre, meu psicanalista, meu tutor e modelo de profissional, para quem os agradecimentos serão sempre insuficientes e para quem, como forma de compensar essa falta, dedico este trabalho.

No alicerce de toda palavra, é a pulsão que insiste.

Sílvia Leonor Alonso

SUMÁRIO

RESUMO.....	9
ABSTRACT.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO I – ASPECTOS PROSÓDICOS.....	14
1.1 O termo <i>prosódia</i>	14
1.2 Elementos prosódicos.....	15
1.3 Funções linguísticas dos elementos prosódicos.....	17
1.3.1 Tessitura.....	17
1.3.2 Entoação.....	18
1.3.3 Acento frasal.....	18
1.3.4 Ritmo.....	18
1.3.5 Duração.....	18
1.3.6 Pausa.....	19
1.3.7 Velocidade.....	19
1.3.8 Volume.....	19
CAPÍTULO II – ASPECTOS PSICANALÍTICOS.....	21
2.1 A fala.....	21
2.2 A atenção flutuante.....	28
CAPÍTULO III – CASOS CLÍNICOS.....	32
3.1 O relato.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	37

FIGUEIREDO, M. F. **Para além dos sons da fala:** a prosódia na escuta psicanalítica. São José dos Campos: Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba, 2010. Monografia. Orientador: Prof. Dr. Carlos Eduardo Rios Pereira

RESUMO

O presente trabalho, que teve sua motivação inicial a partir de uma observação realizada durante uma sessão de análise, visa elucidar a maneira pela qual a observação não só das palavras, mas também dos aspectos prosódicos que as acompanham, pode aperfeiçoar a qualidade da escuta do analista. Levando-se em consideração a centralidade da escuta clínica no processo psicanalítico e estando ciente de que é por meio dela que se chega a investigar o caminho das pulsões no paciente, pudemos perceber que a observação dos aspectos prosódicos contribui de maneira efetiva para o desenvolvimento da aptidão da escuta terapêutica. Porém, para que o analista seja capaz de perceber e discriminar as funções linguísticas exercidas pelos elementos prosódicos, lhe é necessário conhecer a maneira como tais elementos ocorrem e quais são os possíveis sentidos por eles carregados. Portanto, neste trabalho, será descrito cada um dos elementos prosódicos, seguidos das possíveis funções linguísticas por eles exercidas. Em seguida descreveremos dois aspectos centrais da teoria psicanalítica, quais sejam: o lugar da fala no processo terapêutico e a atenção flutuante como atitude recomendada ao analista. A reflexão acerca de tais aspectos nos servirá de suporte para a estruturação de nossa hipótese: a de que a prosódia, como elemento constitutivo da fala, corrobora a construção do sentido do discurso do paciente e, portanto, a sua percepção pode contribuir para o refinamento da escuta clínica do analista. Com a descrição apresentada neste trabalho, acreditamos contribuir para o estabelecimento dos parâmetros necessários para futuras pesquisas na área de intersecção entre prosódia e escuta clínica em Psicanálise.

Palavras-chave: escuta clínica; prosódia; pulsões; fala; atenção flutuante.

FIGUEIREDO, M. F. **Beyond the sounds of speech**: prosody in clinical listening. São José dos Campos: Associação Psicanalítica do Vale do Paraíba, 2010. Monograph. Advisor: Prof. Dr. Carlos Eduardo Rios Pereira.

ABSTRACT

The present work, which was initially motivated from an observation during an analysis session, seeks to elucidate the way in which the observation not only of the words, but also of the prosodic aspects that follow them, can improve the quality of the analyst's listening capacity. Taking the centrality of the clinical listening in the psychoanalytic process into consideration and being aware that it is through it that the investigation of instinct paths in the patient is made possible, we could notice that the observation of the prosodic aspects contribute in an effective way to the development of the acuity of the analyst's listening. However, for the analyst to be capable to notice and to discriminate the linguistic functions exerted by the prosodic elements, it is necessary for him to know the way such elements take place and which are the possible meanings carried by them. Therefore, in this work, each one of the prosodic elements will be described, followed by the possible linguistic functions exerted by them. After that, we will describe two central aspects of the psychoanalytic theory, which are: the place of the speech in the therapeutic process and the free-floating attention as the attitude recommended to the analyst. The reflection concerning such aspects will support the structuring of our hypothesis: prosody, as a constituent element of the speech, corroborates the construction of the meaning of the patient's speech and, therefore, its perception can contribute to the refinement of the analyst's clinical listening. With the description presented in this work, we believed to contribute to the establishment of the necessary parameters for future researches in the intersection area between prosody and clinical listening in Psychoanalysis.

Index Terms: clinical listening; prosody; instincts; speech; free-floating attention.

INTRODUÇÃO

*É claro que do saber suposto (o psicanalista) nada sabe.
(...) Isto não autoriza de modo algum o psicanalista a se
bastar em saber que ele nada sabe, pois o de que se trata
é do que ele tem que saber.*

Jacques Lacan (1967, p. 20)

A histeria começou a ser estudada cientificamente durante a vigência do naturalismo, período em que a necessidade de *ver* guiava os esforços dos cientistas. A psicanálise, ao inaugurar o campo da *escuta*, rompeu com a corrente epistemológica relativa ao pensamento psiquiátrico da época, o qual privilegiava o modo visual de conhecer. Na psicanálise, portanto, a escuta ocupa um lugar central, uma vez que ela privilegia as *palavras*, quer sejam ditas, quer sejam silenciadas (cf. ALONSO, 2005 e SAURÍ, 1979).

Levando-se em consideração a centralidade da escuta clínica no processo psicanalítico, tornamo-nos cientes de que é por meio dela que logramos investigar o caminho das pulsões no paciente. Amparados a esta linha de raciocínio, pudemos perceber, em nossa prática clínica, que as pulsões podem, sim, ser detectadas por meio da escuta; porém não apenas da escuta das palavras no que se refere às suas possibilidades semânticas¹, mas também, e em alguns casos sobretudo, da escuta dos aspectos prosódicos que acompanham as palavras e as frases proferidas pelo paciente.

Entendemos por aspectos prosódicos todos os elementos responsáveis pelas ondulações melódicas e rítmicas das palavras e frases quando expressas oralmente.

¹ Grosso modo, o termo “semântica” refere-se ao estudo do significado das palavras. Em um sistema linguístico, a semântica é o componente do sentido das palavras e da interpretação das sentenças e dos enunciados. (Cf. HOUAISS, 2001).

Assim sendo, podemos considerar como elementos que compõem a prosódia de uma língua: a entoação, o volume, a velocidade da fala, a pausa, o ritmo, a tessitura (diferença entre grave e agudo), o acento, a duração, a concatenação, a qualidade de voz.

A verificação de que a escuta dos elementos prosódicos pode corroborar a escuta clínica motivou-nos a escolher como tema desta monografia o papel da prosódia na escuta psicanalítica, o que acabou nos conduzindo ao título “Para além dos sons da fala: a prosódia na escuta psicanalítica”.

Sendo assim, o presente trabalho visa elucidar a maneira pela qual a observação não só das palavras (no seu nível segmental²), mas também dos aspectos prosódicos que as acompanham, pode aperfeiçoar a qualidade da escuta do analista.

Gostaríamos de salientar que este trabalho teve sua motivação inicial a partir de uma *observação* realizada durante uma sessão de análise³. Sabemos que a observação – primeiro estágio do *método experimental* – nasce da curiosidade humana, e esta é, por sua vez, a porta de entrada para a ciência. (cf. ALVARENGA & ROSA, 2003, p. 19)

Na referida sessão, surpreendeu-nos a distância, no que tange à construção de sentido, entre o que estava sendo relatado no nível segmental das palavras e o que estava sendo expresso no nível prosódico pelo paciente. Em um primeiro momento, esse *gap* semântico não causou tanto impacto na analista (autora desta pesquisa), mas acabou por despertar nela certa curiosidade. Em seguida, a analista, procedendo intuitivamente ao método experimental⁴, levantou o seguinte questionamento: estaria o material relevante para a construção de sentido da fala do paciente mais vinculado ao sentido das palavras proferidas ou ao significado carregado pelas ondulações prosódicas produzidas? A própria distância entre essas duas instâncias e a familiaridade da analista com os aspectos prosódicos da fala, a levou a formular a seguinte *hipótese*: a construção de sentido da fala pode estar vinculada às ondulações prosódicas, independentemente do conteúdo semântico das palavras proferidas. Essa hipótese, aparentemente ousada, foi colocada em

² Tradicionalmente os estudos fonéticos e fonológicos (que são áreas da Linguística) dividem os aspectos sonoros de uma língua em dois níveis: o segmental e o suprasegmental. No nível segmental encontram-se os fonemas (que são os sons isolados ou segmentos) e no suprasegmental enquadram-se os elementos prosódicos (acentos, ritmo, entoação, pausa, duração, volume, entre outros). Todas as palavras proferidas por nós são compostas de elementos segmentais (os sons/fonemas propriamente ditos) e também de elementos suprasegmentais (que são ondulações geradas pelos diferentes elementos prosódicos).

³ Tal sessão será devidamente relatada no capítulo 3 desta pesquisa, intitulado “Caso Clínico”.

⁴ O método experimental constitui-se dos seguintes processos: 1) observação; 2) hipótese; 3) experimentação; 4) comparação; 5) verificação; 6) generalização.

experimentação no momento em que a analista passou à interpretação⁵. Todo o conteúdo comunicado pela interpretação estava vinculado apenas à significação emanada dos elementos prosódicos da fala do analisando. Os instantes que se seguiram à interpretação vieram comprovar que aquele era, de fato, o sentido latente do material apresentado (fase da *verificação*). Após essa experiência, levamos para a clínica o procedimento relatado e pudemos verificar que a abertura à escuta dos elementos prosódicos no momento em que o analista busca se colocar numa atitude de atenção flutuante contribui sobremaneira para o refinamento de sua escuta clínica e, conseqüentemente, para a qualidade de sua interpretação. (Em termos metodológicos, chegamos, assim, à fase da *generalização*).

Este trabalho é, portanto, uma tentativa de compartilhar a experiência clínica vivida e também uma possibilidade de refletir sobre as implicações teóricas do procedimento aqui proposto.

Para tanto, faremos o seguinte percurso teórico. Visando possibilitar ao analista a percepção e a discriminação das funções linguísticas exercidas pelos elementos prosódicos, o primeiro capítulo deste trabalho será dedicado à descrição dos aspectos prosódicos e à enumeração dos possíveis sentidos por eles carreados. Cientes de que a *fala* ocupa um lugar central na doutrina e na técnica propostas por Freud e de que a *atenção flutuante* é a atitude recomendada ao analista para recebê-la, o segundo capítulo do trabalho trará uma descrição seguida de uma reflexão acerca desses dois aspectos cruciais da teoria psicanalítica. O terceiro capítulo, intitulado “Caso Clínico” trará o relato da sessão psicanalítica que suscitou o nosso problema de pesquisa. Finalmente, em nossas considerações finais, refletiremos sobre os aspectos teóricos discutidos e as implicações destes para o procedimento clínico sugerido neste trabalho.

⁵ A *interpretação* comunicada ao paciente é por excelência o modo de ação do analista e, portanto, está no centro da doutrina e da técnica freudianas. Segundo Laplanche e Pontalis (2002, p. 245), a própria psicanálise pode ser caracterizada pela interpretação, isto é, “pela evidenciação do sentido latente de um material”.

CAPÍTULO I – ASPECTOS PROSÓDICOS

A palavra é já uma presença feita de ausência.

Jacques Lacan (1998, p. 250)

Para que o analista seja capaz de perceber e discriminar as funções linguísticas exercidas pelos elementos prosódicos, lhe é necessário conhecer a maneira como tais elementos ocorrem e quais são os possíveis sentidos por eles carreados. Sendo assim, vejamos com detalhe o que significa o termo prosódia e quais são os seus desdobramentos.

1.1 O TERMO PROSÓDIA

Para a linguística atual, o termo *prosódia* refere-se ao conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além ou "acima" (hierarquicamente) da representação segmental linear dos fonemas.⁶

⁶ Disso decorre o fato de podermos utilizar, indiscriminadamente, a expressão elementos prosódicos ou elementos suprasegmentais. Porém, uma vez que os fatos fônicos segmentais e os prosódicos são interdependentes, tem-se privilegiado o uso do termo prosódia em detrimento de suprasegmento.

De acordo com Scarpa (1999, p. 8), o termo *prosódia* recobre “uma gama variada de fenômenos que abarcam os parâmetros de altura, intensidade, duração, pausa, velocidade de fala, bem como o estudo dos sistemas de tom, entoação, acento e ritmo das línguas naturais.”

Essa gama multifacetada de fenômenos tem feito dos estudos prosódicos um campo fascinante, pois o coloca “na encruzilhada entre prosa e poesia, entre linguística e engenharia do som, entre sintaxe e semântica, entre fonética e fonologia, entre língua e discurso” (SCARPA, 1999, p. 8). Nessa mesma linha de raciocínio, buscaremos explorar, neste trabalho, uma nova brecha deixada pelo avanço dos estudos prosódicos: a intersecção entre Linguística e Psicanálise.

Para melhor compreendermos o universo a ser explorado no campo da prosódia, apresentamos, a seguir, uma classificação pormenorizada dos elementos prosódicos relevantes para as línguas românicas, seguidos de sua caracterização.⁷

1.2 ELEMENTOS PROSÓDICOS

*Que se diga fica esquecido detrás do que se diz,
no que se ouve.*

Jacques Lacan (1973, p. 5)

Na fala, além das vogais e consoantes (segmentos), encontramos os *elementos prosódicos*, os quais podem ser agrupados em três grupos (cf. CAGLIARI, 1999, p. 9):

1) *Elementos prosódicos da variação da altura melódica:*

- tessitura;
- entoação;
- tom (nas línguas tonais) e
- acento frasal (ou sílaba tônica saliente).

2) *Elementos prosódicos da variação da duração:*

- ritmo;
- duração;
- acento;
- pausa;
- concatenação e

⁷ Sobre a relação entre prosódia e argumentação, consultar também “A prosódia como instrumento de persuasão” desta autora.

- velocidade de fala.

3) Elemento prosódico da intensidade sonora:

- volume.

Vejam, a seguir, de forma bem sucinta, em que consiste cada um desses elementos.

- Tessitura: variações que deslocam a escala melódica da fala (mais aguda ou mais grave).
- Entoação: variação melódica ascendente ou descendente.
- Tons: variação melódica que, nas línguas tonais, se dá no espaço de sílabas (diferente do que acontece com as línguas entoacionais em que a variação melódica se dá no espaço de grupos tonais). Os tons servem para caracterizar os itens lexicais (distinguem significados lexicalizados).
- Acento frasal: ocorre quando há uma mudança significativa da direção do nível melódico em determinada sílaba. Essa sílaba (*sílaba tônica saliente*) trará consigo o *acento frasal*.
- Ritmo: caracteriza-se pela expectativa de uma repetição das saliências fônicas marcadas por durações estabelecidas.
- Duração: Pronúncia, ou prolação, alongada de elementos da fala (segmentos).
- Acento: revela as ondulações rítmicas da fala e serve para distinguir significados lexicais.
- Pausa: Silêncio na fala em meio a enunciados, com a função de segmentação da fala.
- Concatenação: junção de palavras que define a maneira como as pausas ocorrem num enunciado.
- Velocidade: rapidez ou lentidão com que um mesmo enunciado pode ser pronunciado (na música, corresponde ao andamento).
- Volume: refere-se à variação de intensidade da voz (alta ou baixa).

Como dissemos anteriormente, não é suficiente conhecer cada um dos elementos prosódicos, mas se faz imprescindível discriminar também as possíveis funções linguísticas por eles exercidas, pois são elas que permitirão a construção do sentido do enunciado. A esse respeito, Saurí (1979, p. 197) afirma que escutar se refere

imediatamente à fala e “sua raiz latina vincula ‘o escutado’ ao ato de ouvir e de ‘montar guarda’; situação em que o escuta, cumprindo ofício de sentinela, vigia os sons provenientes de um campo diferente do seu próprio”.

Vejam, então, a que funções linguísticas os elementos prosódicos podem estar atrelados. De acordo com Cagliari (1992), os elementos prosódicos podem exercer, no discurso, distintas funções linguísticas: fonológica (fonêmica⁸ ou geradora de processos⁹); morfológica (lexicalização¹⁰); sintática (categorias e funções); discursiva (coesiva); dialógica (turnos conversacionais); semântica (conotações, subentendidos); pragmática (atitudes do falante); identificação do falante ou da língua; reestruturação da produção da fala e fonética (fatos físicos).

Elencaremos, a seguir, alguns dos elementos prosódicos descritos acima, seguidos das diferentes funções linguísticas por eles desempenhadas no discurso.

1.3 FUNÇÕES LINGUÍSTICAS DOS ELEMENTOS PROSÓDICOS

1.3.1 TESSITURA

a) função sintática (categorias e funções)

- Destaca ou marca elementos que estão “deslocados” (tessitura geralmente mais grave).

b) função discursiva (coesiva)

- Uso de tessitura grave para digressões¹¹.
- Uso de tessitura aguda ao retornar ao assunto principal.

c) função dialógica (turnos conversacionais)

- Uso de tessitura aguda para pedir o turno durante a fala do outro.
- Uso de tessitura grave no final de turno.

⁸ Certos fonemas se caracterizam por meio de elementos prosódicos, tais como o tom (em línguas tonais), a duração (no italiano) e o acento (na língua portuguesa).

⁹ As alterações sonoras que ocorrem nas formas básicas dos morfemas, ao se realizarem foneticamente, são explicadas através de regras que caracterizam os processos fonológicos (cf. CAGLIARI, 2002, p. 99). Alguns exemplos de processos fonológicos gerados pela prosódia são: a palatalização, a labialização, a nasalização, a assimilação, a contração e até mesmo o uso de um “creaky voice” em determinados contextos.

¹⁰ Ocorre a “lexicalização” quando palavras são definidas por meio de elementos prosódicos.

¹¹ Para o termo digressão, o dicionário Houaiss (2001) nos fornece pelo menos duas acepções relevantes para a prática psicanalítica: 1) afastamento, desvio momentâneo do assunto sobre o qual se fala ou escreve; 2) artifício criado para ocultar o motivo real de uma ação; evasiva, pretexto, subterfúgio.

d) função pragmática (atitudes do falante)

- Níveis mais graves indicam mais razão, autoridade.
- Níveis mais agudos indicam contestação, exaltação.
- Tessitura bem grave ou bem aguda indica estratégia para não ser interrompido.

1.3.2 ENTOAÇÃO

a) função sintática (categorias e funções)

- Tom descendente indica frase afirmativa.
- Tom ascendente indica frase interrogativa.
- Tom ascendente + tom descendente = frase principal + frase subordinada.
- Tom descendente + tom ascendente = frase subordinada + frase principal.

b) função semântica (conotações, subentendidos)

- Corroborar o acento frasal para marcar foneticamente o foco de frases.

c) função pragmática (atitudes do falante)

- Tom descendente em nível alto, passando a baixo (no componente tônico) = frase afirmativa + significado de “pedido” por parte do falante.

1.3.3 ACENTO FRASAL

a) função semântica (conotações, subentendidos)

- Marca o foco de frases.

1.3.4 RITMO

a) função fonológica (geradora de processos)

- Pode ocorrer um processo de *contração* em fronteira de palavra.

b) função semântica (conotações, subentendidos)

- Fala silabada com o intuito de chamar a atenção para o que se diz.
- Geralmente faz-se uma súplica ou diz-se um palavrão em ritmo silábico.

1.3.5 DURAÇÃO

a) função semântica (conotações, subentendidos)

- Alongamento da duração da sílaba = aumento no sentido positivo de uma qualidade.

- Alongamento da duração da sílaba indicando aumento no sentido negativo de uma qualidade (ironia). (Demanda uma interpretação do contexto discursivo ou pragmático.)

1.3.6 PAUSA

a) função semântica (conotações, subentendidos)

- Mudança brusca do conteúdo semântico.

b) função pragmática (atitudes do falante)

- O uso de pausas “fora do esperado” demonstra uma atitude do falante para impressionar o interlocutor.
- Falar destacando as palavras com pausas demonstra que o falante deseja reforçar sua autoridade e/ou o valor do que diz.
- Serve para chamar a atenção para o que se vai dizer em seguida.

1.3.7 VELOCIDADE

a) função dialógica (turnos conversacionais)

- Aceleração indicando que um falante quer sobressair ao seu interlocutor, dando mais ênfase ao que diz.

b) função pragmática (atitudes do falante)

- Desaceleração indicando maior valor a algo que se diz.
- Aceleração indicando argumento mais importante logo adiante.

c) função fonética (fatos físicos)

- Aceleração indicando início de enunciado.
- Desaceleração indicando final de enunciado (diante de pausa).

1.3.8 VOLUME

a) função pragmática (atitudes do falante)

- Falar alto pode sinalizar atitude autoritária.
- Falar baixo pode sinalizar atitude de persuasão, timidez ou respeito.
- Alto volume de voz pode ainda indicar expressões súbitas de dor, de perigo ou de grande perturbação.

Nesta parte do trabalho, dedicado aos aspectos prosódicos, buscamos dissecar alguns aspectos relacionados à fala do analisando. Toda essa descrição se deu em função do nosso objetivo de pesquisa, qual seja: a tentativa de contribuir para um refinamento da escuta psicanalítica por meio da análise dos elementos prosódicos da fala. Acreditamos que qualquer tentativa de aprimorar a qualidade do entendimento decorrente da comunicação analista-analisando se faz relevante, uma vez que a fala é o meio pelo qual o analista pode ter acesso, de alguma forma, aos processos inconscientes de seu analisando.

A partir dos elementos prosódicos apresentados seguidos de suas possíveis funções linguísticas, acreditamos ter estabelecido os parâmetros necessários para um melhor entendimento dos aspectos prosódicos e, assim, poder vislumbrar os seus efeitos na escuta clínica em psicanálise.

CAPÍTULO II – ASPECTOS PSICANALÍTICOS

O inconsciente é aquilo que dizemos, se quisermos ouvir o que Freud apresenta em suas teses.

Jacques Lacan (1998, p. 844)

Nesta etapa do trabalho, buscaremos descrever dois aspectos centrais da teoria psicanalítica, qual sejam: o lugar da *fala* no processo terapêutico e a *atenção flutuante* como atitude recomendada ao analista. A reflexão acerca de tais aspectos nos servirá de suporte para a estruturação de nossa hipótese: a de que a prosódia, como elemento constitutivo da *fala*, corrobora a construção do sentido do discurso do paciente e, portanto, a sua percepção pode contribuir para o refinamento da escuta clínica do analista.

2.1 A FALA

Reduzir a experiência psicanalítica à fala e à linguagem assim como a seus fundamentos, interessa à sua técnica.

Jacques Lacan

Falar de psicanálise e falar da importância da fala no processo psicanalítico é, por si só, uma redundância; já que sabemos que o objeto de estudo de Freud “era da ordem do espiritual, do criativo, da escuta do que se manifesta sutilmente *na palavra* do paciente” (cf. LEITE 1992, p. 46, grifo nosso). Obviamente não podemos pensar em uma psicanálise que prescindia da fala, uma vez que esta é o elemento fundador daquela, ou seja, foi sobre o eixo da fala que toda teoria psicanalítica se construiu. Para ilustrar tal raciocínio, lembremo-nos das palavras de Lacan, que remontam os primórdios da técnica que viria a ser denominada Psicanálise: “O método instaurado por Breuer e por Freud foi, pouco tempo após seu nascimento, batizado por uma das pacientes de Breuer, Anna O., com o nome de *talking cure*.” (LACAN, 1958/2008, p. 119).

A respeito dessa “cura pela fala”, Longo (2006, p. 19) a descreve, com acuidade e sutileza:

No caso dos pacientes histéricos, aqueles que sofrem de reminiscências, eles [Freud e Breuer] verificaram que cada sintoma histórico individual desaparecia para sempre com a evocação da lembrança do fato que o provocara e com o despertar da emoção que o acompanhava, isto é, quando o paciente o descrevia com detalhes e traduzia a emoção em *palavras*. A lembrança sem a emoção que o fato causou não produz resultado. O processo psíquico deve remontar à sua origem e ser verbalizado. (LONGO, 2006, p. 19, grifo nosso)

Como vemos, desde os primórdios, a psicanálise foi vinculada à idéia de uma “cura pela fala”. Faremos aqui, portanto, um levantamento de alguns aspectos da teoria psicanalítica que remetem a esse lugar central ocupado pela fala e que nos permitirão refletir a respeito da intersecção entre duas áreas de conhecimento: a Linguística e a Psicanálise.

Dentre os sucessores de Freud, um deles se destaca pelo tratamento dado ao componente linguístico dentro da psicanálise: Jacques Marie Émile Lacan. Renovador do pensamento freudiano, Lacan foi um médico psiquiatra que nasceu em Paris, viveu de 1901 a 1981 e elaborou todos os seus estudos psicanalíticos a partir de um retorno a Freud. Esse retorno a Freud pode ser comprovado nas palavras do próprio autor: “Se a psicanálise pode se tornar uma ciência (...), devemos reencontrar o sentido de sua experiência. Não poderíamos fazer coisa melhor para este fim do que retornar à obra de Freud.” (LACAN, 2008, p. 131).

Dentre os inúmeros escritos, seminários e conferências deixados por Lacan, três deles se destacam de acordo com o nosso interesse de descrição, quais sejam: “Função e

campo da fala e da linguagem em psicanálise”, “O simbólico, o imaginário e o real” e “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”.

A respeito do primeiro trabalho, Zimerman (2001, p. 246) nos recorda que foi por ocasião de um congresso realizado em Roma, em 1953, que Lacan apresentou o notável trabalho “Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise”, também conhecido como “Discurso de Roma”, no qual expôs os principais elementos de seu sistema de pensamento, provenientes, sobretudo, da linguística estrutural.

Na introdução do “Discurso de Roma”, Lacan, além de enumerar os caminhos pelos quais a psicanálise se enveredou, aponta, de forma contundente, a "tentação que se apresenta ao analista de abandonar o fundamento da fala". Como nos lembram Menezes e Meyer (2006, p. 260), “devemos uma fidelidade ao espírito dessa posição assumida por Lacan, ao recolocar o que sempre foi o essencial para Freud”.

Ainda nesse discurso, ao discorrer sobre os problemas (enfrentados pelos psicanalistas de sua época) decorrentes da falta de compreensão sobre os efeitos da simbolização na criança, Lacan alerta: “Ninguém duvida de que esses efeitos (...) não poderiam ser corrigidos por um *justo retorno ao estudo* onde o psicanalista deveria ter-se tornado mestre, *das funções da fala*”. (LACAN, 2008, p. 108, grifo nosso). E o autor ainda complementa, evidenciando sua indignação: “Mas parece que, a partir de Freud, *esse campo central de nosso domínio tenha caído em ruínas.*” (LACAN, 2008, p. 108, grifo nosso).

Nesse texto, Lacan nos convida, insistentemente, a nos debruçarmos sobre “essa fala”. Lembrando a metáfora da moeda proposta por Mallarmé (em que compara o uso comum da linguagem à troca de uma moeda da qual o anverso e o reverso não mostram mais do que figuras apagadas e que passa de mão em mão “em silêncio”), Lacan nos faz entender que a fala, “mesmo no extremo de sua usura”, guarda seu valor de tésseira¹², isto é, de senha. Portanto, cabe ao psicanalista ouvir a parte desse discurso em que repousa o elemento significativo. (cf. LACAN, 2008, p. 116)

Neste momento, gostaríamos de ressaltar que a proposta deste trabalho é buscar a possibilidade de implementação desse ouvir do psicanalista, para que ele possa, por meio

¹² Houaiss (2001) nos lembra que “tésseira” era a tabuinha (de osso, marfim ou outro material) que, na Roma antiga, servia como bilhete de voto, bilhete de entrada de teatro ou como senha.

do entendimento dos elementos prosódicos, detectar, com mais clareza, o que deve ser ouvido.¹³

Em relação ao segundo trabalho, gostaríamos de lembrar que, em 8 de julho de 1953, Lacan proferiu uma conferência cujo tema se transformaria na tríade que acabou por sustentar, de ponta a ponta, suas elaborações nas três décadas seguintes. A conferência intitulou-se “O simbólico, o imaginário e o real”¹⁴ e serviu de base para a elaboração do seu objeto essencial: o **nó barromeano** e seus derivados. Nessa conferência, Lacan discorre inicialmente sobre a questão que há muitos anos a elaboração da doutrina analítica buscava responder, qual seja: O que está em jogo na experiência analítica? Para refletir sobre esse tema, o autor levanta os seguintes questionamentos: Em que consiste essa experiência singular entre todas, que vai produzir transformações tão profundas nos sujeitos analisados? O que são elas? Qual é o seu mecanismo? Buscando responder a tais questionamentos, Lacan declara que a eficácia dessa experiência se passa integralmente em palavras, ou seja, FALAR já é introduzir-se no objeto da experiência analítica. Daí a importância de se entender, de fato, em que consiste a fala, isto é, o símbolo para Lacan. (cf. LACAN, 2005, p. 14-15).

No terceiro trabalho aqui destacado, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, a contribuição feita por Lacan tanto aos estudos psicanalíticos quanto aos estudos linguísticos é imensurável. Se Lacan havia, a princípio, se valido da linguística para refletir com mais propriedade a respeito da linguagem dentro da psicanálise, a partir deste seu trabalho é a própria linguística que se beneficiará dos estudos de Lacan para reestruturar alguns de seus postulados. A leitura de Freud feita por Lacan permitiu a Michel Pêcheux¹⁵ lançar as bases de uma nova área de estudos dentro da Linguística: a Análise do Discurso.

¹³ Interessante lembrar que Lacan, ao se referir a esse ‘ouvir’, faz alusão à expressão bíblica “Quem tiver ouvidos, ouça!” (Ap 13,9), explorando o verbo francês *entendre*, que pode ser traduzido tanto por ouvir quanto por entender. Ou seja, não basta ter ouvidos para ouvir, é preciso também entender o que está sendo dito. (cf. LACAN, 2008, p. 118)

¹⁴ Essa conferência “precede imediatamente a redação, durante o verão, do relatório de Roma sobre “função e campo da fala e da linguagem em psicanálise”, que marcava o início público do “ensino de Lacan”, como diríamos mais tarde.” (MILLER, 2005, p. 7).

¹⁵ Michel Pêcheux (1938-1983), Filósofo (no campo das ciências sociais), discípulo de Althusser e Canguilhem, nascido na França foi o sistematizador da Análise do Discurso. Sob o pseudônimo de Thomas Herbert, nos artigos de 1966 e 1968, se referiu abertamente ao marxismo (Marx, via Althusser) e à psicanálise (Freud, via Lacan).

O projeto de Michel Pêcheux nasceu nas conjunturas dos anos de 1960, sob o signo da articulação entre a Linguística, o Materialismo Histórico e a Psicanálise; tríade que constituirá as bases conceituais da Análise do Discurso.

O texto de Lacan, “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”, traz à baila um novo conceito de sujeito, o qual servirá de fundamento para a estruturação das bases conceituais da Análise do Discurso. Vejamos como isso se deu. A linguística em voga naquela época (meados do século XX) era de cunho estruturalista. O percurso triunfal dos estruturalistas (sobretudo as décadas de 50 e 60) foi marcado por uma constante: a deliberada exclusão do sujeito. O sujeito era visto como o elemento suscetível de perturbar a análise do objeto científico, que deveria corresponder a uma língua objetivada, padronizada. No entanto, no final da década de 60, houve uma subversão do paradigma então reinante e o sujeito passa a ser o centro do novo cenário. Como afirma François Dosse (1993), o sujeito “reaparece pela janela, após ter sido expulso pela porta”. É nesse cenário que a Análise do Discurso se impõe como reação ao estruturalismo reinante, que sufocava o surgimento do sujeito, noção central no quadro teórico do discurso. A partir daí, a Análise do Discurso, que tem como marco inaugural o ano de 1969, vai à busca desse sujeito, até então descartado pelos estruturalistas. Porém, onde encontrá-lo? Pêcheux, na busca de estruturar sua teoria (bastante revolucionária se comparada à linguística estruturalista desenvolvida na época), o encontra na Psicanálise, apresentado como um sujeito descentrado, desejante, afetado pela ferida narcísica¹⁶. Trata-se de um sujeito do inconsciente, materialmente constituído pela linguagem e interpelado pela ideologia. Essa frase conjuga a contribuição de cada uma das áreas (Linguística, Psicanálise e Materialismo Histórico) para o tripé epistemológico da Análise do Discurso. Vejamos de que maneira ela o faz: Trata-se de um sujeito do inconsciente (contribuição da Psicanálise), materialmente constituído pela linguagem (objeto de estudo da Linguística) e interpelado pela ideologia (evidenciada pelo Materialismo Histórico).

Dessa maneira, o trabalho de Pêcheux oferecerá uma alternativa para abordar a relação da língua com aquilo que a *excede*. Em termos discursivos, podemos afirmar que Pêcheux apela ao materialismo histórico e à psicanálise para defender a idéia de que o

¹⁶ A expressão “sujeito afetado pela ferida narcísica” implica a aceitação de que “com Freud, o homem deixou de ser o centro do Universo e o centro de seu próprio universo, descobriu-se governado por forças que não controla nem conhece”. (MONTAGNA, 2006, p. 65).

dizer escapa sempre ao enunciador, pois é “irrepresentável, em sua dupla determinação pelo inconsciente e pelo interdiscurso”. (AUTHIER-REVUZ, 1998, p. 17).

Para melhor evidenciar a contribuição da leitura freudiana de Lacan para essa nova concepção de sujeito, elencaremos, a seguir, alguns aforismos¹⁷ extraídos do texto “A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud”:

Penso onde não sou, logo sou onde não penso. (LACAN, 1998, p. 521)

Eu não sou lá onde sou joguete de meu pensamento; penso naquilo que sou lá onde não penso pensar. (LACAN, 1998, p. 521)

Se eu disse que o inconsciente é o discurso do Outro, com maiúscula, foi para apontar o para-além em que se ata o reconhecimento do desejo ao desejo de reconhecimento. (LACAN, 1998, p. 529)

O primeiro dos aforismos aqui listados – “penso onde não sou, logo sou onde não penso” – é, na verdade, uma paráfrase de uma das idéias fundamentais de Freud: estados de consciência fundam-se em processos inconscientes.¹⁸ (cf. ROTH, 2006, p. 49). Como sabemos, Freud postulava que a Psicanálise, a que ele gostava de chamar “nossa ciência”, havia nascido para acolher a natureza conflitiva e paradoxal do ser humano, governado por motivações desconhecidas. Essa afirmação abriu espaço para o que, mais tarde, Lacan viria a chamar de “sujeito do desejo”. (cf. PINTO, 2006, p. 58).

O segundo aforismo apenas vem elucidar o primeiro, ou seja, o sujeito revelado pela psicanálise é aquele reconhecidamente descentrado de si próprio. Nesta linha de pensamento, podemos dizer que é um sujeito que “está à mercê de sua relação com o estrangeiro habitante de seu interior, regido pelo inconsciente” (MONTAGNA, 2006, p. 66).

A explicação do segundo aforismo nos remete ao terceiro aforismo, no qual Lacan denomina “Outro” esse estrangeiro habitante do interior do ser humano, regido pelo inconsciente. A esse respeito, vale lembrar uma outra citação de Lacan em que a relação entre inconsciente e discurso se evidencia: “O inconsciente é essa parte do discurso concreto enquanto transindividual, que falta na disposição do sujeito para

¹⁷ Um aforismo é uma máxima ou sentença que, em poucas palavras, explicita regra ou princípio de alcance mais geral; um apotegma, isto é, um dito ou palavra memorável, lapidar, proferida por personagem célebre. (cf. HOUAISS, 2001)

¹⁸ A teoria freudiana da psique nos revela que o inconsciente controla a consciência com maior intensidade que esta o controla. A esse respeito, Lacan afirma: “A experiência psicanalítica não é outra coisa senão estabelecer que o inconsciente não deixa fora de seu campo nenhuma de nossas ações.” (LACAN, 1998, p. 518).

restabelecer a continuidade de seu discurso consciente”. (LACAN, 2008, p. 123). Essa citação nos remete a uma máxima construída pelo mestre Décio Natrielli: “preciso do outro para inconscientizar-me”. Em outras palavras, podemos dizer que na interação com o outro, intermediada pela linguagem, o inconsciente pode emergir. A esse respeito, Lacan enfatiza: “é bem essa assunção pelo sujeito de sua história, enquanto constituída pela fala dirigida ao outro, que faz o fundo do novo método a que Freud dá o nome de psicanálise”. (LACAN, 2008, p. 122)

Como vimos, Lacan dedicou grande parte de seus estudos à área da Linguagem. E, em função de considerar a centralidade da fala na experiência analítica, uma das vertentes que influenciou decisivamente o pensamento e a obra psicanalítica de Lacan foi a linguística (inspirada nos trabalhos de Saussure), de onde extraiu, por exemplo, as concepções de *significante* e *significado*. Essa aproximação com a linguística permitiu a Lacan elaborar alguns aforismos, como os citados. Além desses, não podemos deixar de mencionar talvez o mais clássico: “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”. Em outras palavras, “é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente”. (LACAN, 1998, p. 498)

Nesse aforismo, Lacan vai além, pois não somente reconhece que o homem seja dominado pelo inconsciente, mas também busca descrever a constituição mesma desse inconsciente. Ele começa por declarar que o inconsciente não é uma massa amorfa, mas é sim estruturado. Além disso, essa estrutura não se dá de forma aleatória, mas sim como uma linguagem. Vale lembrar que, já no “Discurso de Roma”, Lacan afirmou: “O inconsciente é esse capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado.” (LACAN, 2008, p. 124)

Para finalizar nossas considerações a respeito do lugar da fala na psicanálise, após a leitura dos textos fundadores da psicanálise, escritos por Freud, e a releitura desses mesmos textos, feita por Lacan, podemos concluir que, sem a orientação da linguagem, a técnica psicanalítica não poderá jamais ser devidamente executada. Para ilustrar tal raciocínio, valer-nos-emos, uma vez mais, das veementes palavras de Lacan a esse respeito:

Afirmamos, quanto a nós, que a técnica não pode ser compreendida, nem portanto corretamente aplicada, se se desconhece os conceitos que a fundam. Nossa tarefa será de demonstrar que esses conceitos não tomam seu sentido pleno *senão ao se orientarem num campo de linguagem, senão ao se ordenarem à função da fala*. (LACAN, 2008, p. 111, grifo nosso).

O percurso aqui traçado deixou claro que para Lacan, assim como para Freud, a fala desempenha um papel central na experiência analítica. Esse resgate do lugar da fala e também do papel desempenhado pela linguagem no cerne da teoria psicanalítica fez com que Lacan trouxesse de volta a psicanálise “a seu campo específico – o da linguagem –, do qual precisamente os analistas pós-freudianos haviam se afastado” (JORGE, 2001, s/p).

A relevância de tudo o que foi dito acima para o objetivo da técnica psicanalítica (qualquer que seja ele) pode ser entendida nas seguintes palavras: “Que ela se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise só tem um meio: a fala do paciente”. (LACAN, 2008, p. 112)

Crendo haver descrito o lugar dessa *fala* no processo terapêutico proposto por Freud, passamos, então, à descrição do que é, a nosso ver, o pilar sobre o qual repousa a escuta psicanalítica, isto é, a *atenção flutuante* como atitude recomendada ao analista.

2.1 A ATENÇÃO FLUTUANTE

Se a associação livre foi considerada, na sua origem, a “regra de ouro” da psicanálise, a atenção flutuante é o seu correspondente para o analista.

Osmar Luvison Pinto (2006, p. 59)

Para dar início a esta sessão do trabalho, tomo emprestadas as palavras de um linguista brasileiro, cujas pesquisas muito têm contribuído para o entendimento da interface entre Linguística e Psicanálise: o professor Waldir Beividas.

Gostaria de apresentar breves notícias sobre um tema que julgo de enorme relevância para um melhor conhecimento do método da escuta clínica em psicanálise, isto é, da *atenção flutuante*: as modulações inferenciais que caracterizam o “fazer interpretativo” do analista no ato de sua escuta. (BEIVIDAS, 2009, p. 116).

A fim de propor uma reflexão sobre o conceito a que Freud denominou “atenção (uniformemente) flutuante”, vamos apresentar a definição dada a essa expressão por Laplanche & Pontalis, em seu Vocabulário de Psicanálise:

Segundo Freud, [a atenção flutuante é o] modo como o analista deve escutar o analisando: não deve privilegiar *a priori* qualquer elemento do discurso dele, o que implica que deixe funcionar o mais livremente possível a sua própria atividade inconsciente e suspenda as motivações que dirigem habitualmente a atenção. Essa recomendação técnica constitui o correspondente da regra da associação livre proposta ao analisando. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2004 p. 40).

A idéia de “atenção flutuante” foi apresentada por Freud, em forma de recomendação, em seu texto de 1912: *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*. Para ele, essa regra possibilitaria ao analista descobrir as conexões inconscientes no discurso do analisando. Para que isso pudesse ocorrer, o analista deveria, nas palavras de Freud, “estar apto a interpretar tudo o que ouve a fim de que possa descobrir aí tudo o que o inconsciente dissimula, e isto sem substituir pela sua própria censura a escolha a que o paciente renunciou”. (FREUD, 1912)

Seguindo o percurso teórico de Laplanche & Pontalis, a partir da leitura de Freud, podemos entender que a “atenção flutuante” é uma atitude subjetiva do psicanalista que “consiste numa suspensão tão completa quanto possível de tudo aquilo que a atenção habitualmente focaliza”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2004, p. 40). Sendo assim, por meio da “atenção flutuante”, o analista se deixa ser capturado pelo que o paciente fala.

Façamos agora alguns comentários a respeito da definição acima, levando em consideração a proposta deste trabalho, qual seja: a de que a percepção dos aspectos prosódicos pode representar uma economia para os esforços dispensados pelo analista durante a sua escuta clínica.

Em português, consagrou-se o termo “flutuante”, mas sabemos que o original alemão (*gleichschwebende Aufmerksamkeit*) também nos transmite a idéia de uma atenção suspensa (*suspended attention* em inglês). Essa polissemia do termo original nos levou a fazer uma analogia com os aspectos prosódicos. Em um dos meus artigos e também no primeiro capítulo deste trabalho, proponho uma definição para o termo prosódia que poderá nos auxiliar no raciocínio que queremos desenvolver aqui:

Para a linguística atual, o termo *prosódia* refere-se ao conjunto de fenômenos fônicos que se localiza além ou "acima" (hierarquicamente) da representação segmental linear dos fonemas. Disso decorre o fato de podermos utilizar, indiscriminadamente, a expressão *elementos prosódicos* ou *elementos suprasegmentais*. (FIGUEIREDO, 2006, p. 13)

Como podemos acompanhar na citação acima, a prosódia se refere aos elementos que estão “suspensos”, isto é, estão além (acima) dos fonemas. Essa correlação nos

permite pensar que os aspectos prosódicos estão além do que *a atenção habitualmente focaliza*, estando, portanto, numa esfera que coincide com a posição a que Freud convida o analista a ocupar, isto é, a de uma “atenção uniformemente flutuante”, ou talvez melhor, suspensa.

Vale lembrar que, no nível fonético-fonológico (aquele que busca descrever os aspectos sonoros de uma língua), encontram-se, num primeiro plano (no nível segmental), os fonemas, ou seja, o conjunto de sons da língua que têm valor distintivo, isto é, que servem para distinguir palavras (cf. SILVA, 1999, p. 123); e, num plano hierarquicamente superior (nível suprasegmental), encontram-se os elementos prosódicos (acento, ritmo, entoação, duração, tessitura, pausa, concatenação, velocidade, volume, qualidade de voz).

Os resultados advindos da correlação apresentada nos deixam, de certa forma, mais tranquilos, uma vez que, inicialmente, levantamos a hipótese de que a tentativa de percepção dos elementos prosódicos pudesse levar o analista a uma posição de “concentração”, o que o distanciaria da atitude esperada, isto é, da “atenção flutuante”. Porém, como vimos, a própria constituição da prosódia o convida a se elevar a um nível acima dos elementos puramente segmentais.

Um outro aspecto que nos chama a atenção é o fato de Laplanche & Pontalis, na trilha de Freud, afirmarem que a atenção flutuante é uma atitude subjetiva do psicanalista. A esse respeito, gostaríamos de propor uma segunda analogia. A interpretação dos elementos prosódicos, de certa forma, também demanda do ouvinte um grau de subjetividade. Como vimos no primeiro capítulo, dedicado aos aspectos prosódicos, cada elemento prosódico pode desempenhar distintas funções linguísticas no discurso. A título de exemplificação, tomando o elemento prosódico *volume*, podemos lembrar:

- volume alto de voz pode sinalizar atitude autoritária ou pode ainda indicar expressões súbitas de dor, de perigo ou de grande perturbação;
- volume baixo de voz pode sinalizar atitude de persuasão, timidez ou respeito.

A eleição da função linguística desempenhada dependerá, até certo ponto, do contexto, mas, principalmente, da interpretação subjetiva do ouvinte, que, no nosso caso, é o próprio analista.

Dessa maneira, acreditamos ter demonstrado que a integração dos aspectos prosódicos à escuta psicanalítica, além de representar uma economia para os esforços efetuados pelo analista, pode se constituir em um apoio metodológico para um exame mais consistente do próprio conceito de “atenção flutuante”.

Passamos, a seguir, à descrição do caso clínico que motivou a presente monografia.

CAPÍTULO III – CASO CLÍNICO

É de meus analisandos que aprendo tudo, que aprendo o que é a psicanálise. É deles que tomo emprestado minhas intervenções.

Jacques Lacan (1976, p. 34)

Desde os primeiros trabalhos de Freud, a *clínica* forneceu a base e o norte a partir dos quais se construíram os eixos fundamentais da elaboração teórica em psicanálise (cf. LOWENKRON, 2004). Por esse motivo, podemos considerar que a direção da pesquisa psicanalítica é dada pela própria experiência psicanalítica.

Se, na psicanálise, a experiência fornece as bases da construção teórica, então o relato de caso acaba por constituir um instrumento na construção do método e da pesquisa nessa área de conhecimento. É nesse sentido que Zanetti & Kupfer (2006, p. 170) enfatizam a importância dos relatos de casos clínicos no campo da investigação psicanalítica. Na opinião das autoras, esses relatos podem ser entendidos como uma ferramenta para a elaboração teórica das experiências psicanalíticas. Nesse sentido, o uso do relato de casos pode ser tomado como um método de investigação e elaboração psicanalítica.

No caso da presente pesquisa, o caso clínico que será aqui relatado fomentou em nós inúmeras reflexões, tornando-se, assim, o agente propulsor das investigações expostas neste trabalho.

Daremos início ao relato do nosso caso, sempre levando em consideração que, como afirmam Figueiredo & Vieira (2002, p. 28), a partir do relato do caso temos um

texto que já faz o recorte do analista, com as passagens escolhidas e privilegiadas em determinado momento. Sendo assim, o caso é, na verdade, o produto que se extrai da história, das intervenções do analista na condução do tratamento e do que é decantado de seu relato.

3.1 O relato

É o equívoco, a pluralidade de sentido que favorece a passagem do inconsciente no discurso.

Jacques Lacan (1976, p. 36)

Gaspar¹⁹ era um paciente que trazia em seu histórico um quadro de dependência química com inúmeras reincidências. No momento em que buscou a análise, por sugestão de sua mãe, ele buscava se recuperar desse quadro de dependência após uma permanência de dois anos no exterior. Após voltar da viagem, sua mãe lhe propôs um trabalho junto a ela à frente de uma associação de cunho assistencial. Em uma das sessões (da qual extrairei apenas excertos das passagens relevantes para as reflexões apresentadas neste trabalho), Gaspar chegou, sentou-se na poltrona à minha frente (visto que jamais apresentara o desejo de ocupar o divã) e começou, espontaneamente, a narrar alguns dos fatos que lhe haviam passado naquele dia. Na verdade o que ele narrava era uma lista de conquistas que havia logrado ao longo do dia (convém lembrar que suas sessões ocorriam sempre no final da tarde, por volta das 18h). Ele disse assim:

Hoje o dia foi bastante produtivo. Eu consegui muitas coisas lá para a associação. Entrei em contato com um velho amigo de meu pai e consegui a doação de cinco computadores. Depois, através de outros comerciantes que eu conheço, consegui a doação de quatrocentas camisetas para o evento beneficente que vamos promover. E, como estamos sem os móveis de escritório lá para a associação, resolvi tentar pedir uma doação para um outro amigo de meu pai. Deu certo, ele se comprometeu a doar quarenta mil reais para a compra dos móveis. Esse foi meu dia. Consegui tudo isso.

¹⁹ Nome fictício adotado meramente para compor este relato.

O que mais me surpreendeu, ao ouvir a lista dos feitos por ele narrados, é que os dados apresentados, como supostas conquistas, eram realmente surpreendentes, porém ele os narrava de uma maneira muito desinteressada.

Nesse momento, como se tivesse sido capturada pela minha atenção flutuante, comecei a perceber que o sentido do que ele dizia não se encontrava na significação das palavras por ele proferidas. Senti-me trancafiada em uma armadilha. Por alguns instantes me senti bastante confusa. Percebi, então, que havia, disponível em minha mente de professora de linguística e especialista nos sons da fala, uma ferramenta que viria a se configurar em uma chave para abrir a armadilha em que me encontrava. Comecei a perceber que o que mais importava não eram as palavras usadas por ele e sim a prosódia com que as pronunciava. Nesse instante comecei a verificar que a análise dos elementos prosódicos utilizados em sua narrativa me dava a chave para o entendimento do que estava sendo falado. É possível pensar que não grande novidade no que estou dizendo, porém, naquele momento, as ondulações prosódicas apresentadas carregavam um sentido antagônico ao que estava sendo dito no nível semântico. Em termos prosódicos, ele apresentava: volume baixo, entonação descendente, tessitura tendendo ao grave e apagamento do acento frasal. Em outras palavras, eu diria que a análise do nível prosódico da narrativa sinalizava desânimo, derrota, falta de motivação e total falta de sentido. Enquanto a análise semântica das palavras e frases proferidas (ignorando por completo o nível prosódico) remetia à idéia de conquista, disposição, ânimo, motivação, garra e eficiência.

Ao final da sessão, proferi uma interpretação baseando-me exclusivamente nas ideias que emanaram da percepção dos elementos prosódicos. E, como pude perceber pela reação do analisando e pelo nível de elaboração apresentado, a interpretação de fato atingiu o conteúdo latente no discurso do analisando. Afinal, como nos recorda Leite (1992, p. 62), a ação do analista é a de dar “um ‘sentido’, um outro ‘sentido’ ao que o paciente diz”.

Essa experiência despertou em mim a curiosidade de verificar o alcance dos elementos prosódicos na constituição dos enunciados proferidos durante uma sessão de análise. Para minha satisfação, em outras sessões realizadas com diferente pacientes, pude perceber que a observação dos elementos prosódicos e o entendimento dos possíveis sentidos por eles carregados podiam incrementar a qualidade da minha escuta clínica.

Este trabalho monográfico constitui-se, portanto, em uma tentativa de compartilhar a experiência por mim vivida e possibilitar a sua aplicação por parte de outros psicanalistas que estejam preocupados com as inúmeras possibilidades abarcadas na análise da linguagem humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Devido ao fato de a Linguística e a Psicanálise tomarem o mesmo objeto de estudo – a língua – a partir de diferentes abordagens, talvez, este trabalho seja, na verdade, um convite aos psicanalistas a se tornarem um pouco mais linguistas e também, porque não dizer, aos linguistas a se tornarem um pouco mais psicanalistas (como foi o percurso da minha própria história acadêmica).

Espero, enfim, que a leitura deste trabalho seja para nós, psicanalistas, um chamado a nos aventurarmos na “investigação das estruturas da língua e do funcionamento dos discursos, para a esfoliação dos seus estratos superpostos, para a extração dos semantismos imanentes os mais sutis, escondidos sob a capa da manifestação concreta dos discursos”²⁰. (BEIVIDAS, 2009, p. 123)

²⁰ Bevidas (2009) utilizou estas palavras para descrever a relevância das pesquisas de Ch. S. Peirce (filósofo americano) e L. Hjelmslev (linguista dinamarquês) para o campo da linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALONSO, L. S. **A escuta psicanalítica**. 2005. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/percurso/main/pcs35/35Alonso1.htm>. Acesso em: 15/3/2008.

ALVARENGA, M. A. F. P.; ROSA, M. V. F. P. C. **Apontamentos de metodologia para a ciência e técnicas de redação científica**. 3. ed. ver. e ampl. Porto Alegre: Sérgio Antonio Fabris Editor, 2003.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. **Palavras incertas: as não-coincidências do dizer**. Tradução de Cláudia Pfeiffer e outros. Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

BEIVIDAS, W. **Inconsciente & sentido: ensaios de interface: psicanálise, linguística, semiótica**. São Paulo, Annablume, 2009.

CAGLIARI, L. C. **Acento em português**. Campinas: Edição do autor, 1999. (Coleção Espiral, Série Lingüística, v. 4)

CAGLIARI, L. C. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

DOSSE, F. **História do estruturalismo: o campo do signo. 1945/1966**. v. I. São Paulo: Ensaio / Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

FIGUEIREDO, A. C. & VIEIRA, M. A. Psicanálise e ciência: uma questão de método. In: BEIVIDAS, W. (Org.). **Psicanálise, pesquisa e universidade**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2002. p. 13-31.

FIGUEIREDO, M. F. (BOLLELA, M. F. F. P.) A prosódia como instrumento de persuasão. In: LOUZADA, M. S. O.; NASCIMENTO, E. M. F. S.; OLIVEIRA, M. R. M.. (Orgs.). **Processos enunciativos em diferentes linguagens**. Franca: UNIFRAN, 2006. p. 113-128. (Coleção Mestrado, 1)

HOUAISS, Dicionário eletrônico. CD (2001).

JORGE, M. A. C. **O inconsciente é um saber**. 2001. Disponível em: http://www.estadosgerais.org/encontro/o_inconsciente_e_um_saber.shtml. Acesso em: 3 set. 2009.

LACAN, J. **Escritos**. Tradução de Inês Oseki-Depré. São Paulo: Perspectiva, 2008. (Coleção Debates, 132)

_____. **Nomes do pai**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

_____. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 238-324.

_____. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p. 496-533.

_____. Posição do inconsciente. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998, p.843-864.

_____. Conférences et entretiens dans des universités nord-américaines. **Scilicet**, 6/7. Paris: Seuil, 1976, p. 5-63.

_____. L'Étourdit, **Scilicet**, 4. Paris: Seuil, 1973, p. 5-52.

_____. Proposition du 9 octobre 1967 sur le psychanalyste de l'École. **Scilicet**, 1. Paris: Seuil, p. 14-30.

LAPLANCHE & PONTALIS. **Vocabulário da psicanálise**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

LEITE, M. P. S. **A negação da falta**: cinco seminários sobre Lacan para analistas kleinianos. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

LONGO, L. **Linguagem e psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. (Coleção Passo-a-passo, 64)

LOWENKRON, T. S. O objeto da investigação psicanalítica. In: HERRMANN F. & LOWENKRON, T. S. (Orgs.). **Pesquisando com o método psicanalítico**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004. p. 21-31.

MILLER, J.-A. Preâmbulo. In: LACAN, J. **Nomes do pai**. Tradução de André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 7-8.

MENEZES, L. C.; MEYER, A. V. A linguagem e o aquém da linguagem na psicanálise. **Natureza humana**, 8 (n. esp.), out. 2006, p. 253-270.

MONTAGNA, P. A revolução freudiana hoje. **Viver Mente & Cérebro**: o legado de Freud, abr. 2006. a. XIV, n. 159, p. 64-67.

PINTO, O. L. Dois tempos da clínica de Freud. **Viver Mente & Cérebro**: o legado de Freud, abr. 2006. a. XIV, n. 159, p. 56-62.

ROTH, G. Armadilhas do inconsciente. **Viver Mente & Cérebro**: o legado de Freud, abr. 2006. a. XIV, n. 159, p. 49.

SAURÍ, J. J. (Comp.). **Las histerias**. Buenos Aires: Ediciones Nueva Visión, 1979.

SCARPA, E. M. (Org.). **Estudos de prosódia**. Campinas: Unicamp, 1999.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1999.

ZANETTI, S. A. S.; KUPFER, M. C. M. O relato de casos clínicos em psicanálise: um estudo comparativo. **Estilos da Clínica**, dez. 2006, v. XI, n. 21, p. 170-185.

ZIMERMAN, D. E. **Vocabulário contemporâneo de psicanálise**. Porto Alegre: Artmed, 2001.